Apresentado no XIV CONGRESSO DA ALFAL Monterrey, México 17-21 outubro de 2005

O Português Brasileiro e as línguas crioulas de base portuguesa

Marilza de Oliveira / USP

RESUMO

O grande contingente de escravos africanos no Brasil, tem sido o argumento mais forte em favor da hipótese de origem crioula do PB. Do ponto de vista lingüístico, a evidência mais significativa dessa hipótese tem sido a ausência de marcas formais de concordância verbal e nominal. Este argumento tem sido questionado por Scherre e Naro, com base na busca de exemplos de ausência da concordância formal no PE.

Neste artigo analiso alguns contextos de uso da preposição ***a*** *(complementos dativos* e *verbos de movimento) em dois crioulos de base portuguesa* (Cabo Verde e Kryol) *e no Português Moçambicano buscando uma comparação com o Português Brasileiro, a fim de trazer à luz novas considerações para a discussão da questão da origem crioula do Português Brasileiro.*

INTRODUÇÃO

Trabalhos como os de Galvez (1987) e Tarallo (1993[a]), entre outros, têm apontado diferenças morfossintáticas entre o Português Brasileiro e o Português Europeu[1] a ponto de se postular a emergência de duas gramáticas, na passagem do século XIX para o século XX. A emergência de uma nova gramática – a do Português Brasileiro -levanta a questão da origem das mudanças lingüísticas que a favoreceram.

A preocupação pela origem das mudanças lingüísticas que vieram a configurar a gramática do Português Brasileiro voltou[2] a reacender as discussões dos lingüistas em torno da hipótese de origem crioula (Guy 1981, Holm 1987, Baxter & Lucchesi 1997, entre

[1] Saliente-se aqui o projeto de Mary Kato em colaboração com João Peres intitulado *Português Europeu e Português Brasileiro: unidade e diversidade na passagem no milênio* (PEPB2000).

[2] O debate sobre a origem crioula do PB é mais antigo. Francisco Adolpho Coelho já propunha, no século XIX, a origem crioula do PB, hipótese alimentada por Mendonça (1933) e Raimundo (1933). Do lado oposto acham-se Silva Neto (1986), Melo (1981), Câmara Jr. (1972, 1985).

outros) e da hipótese da ‘deriva’ (Naro & Scherre, 1993, 1999). Em geral, a hipótese crioula apega-se às questões sócio-históricas brasileiras, tendo em vista a presença maciça de escravos africanos no território brasileiro. Nessa linha de pensamento, o contato entre africanos e portugueses explicaria a formação do Português Brasileiro.

Na última década os adeptos da hipótese crioula têm adotado nova definição do processo de crioulização: “Um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2” (Baxter & Lucchesi 1997: 74). Os autores assumem que o PB é resultado da aquisição imperfeita do português como L2 pelos africanos devido à transmissão irregular das formas aprendidas para seus descendentes.

Neste trabalho, analiso o uso variável das preposições em complementos verbais dativos e em complementos de verbos de movimento. Tomando como ponto de partida o crioulo de Cabo Verde, analiso dados do Português Moçambicano (PM) e os comparo com os do Português Brasileiro (PB). A comparação entre essas duas variedades do português se justifica pela presença de alguns elementos comuns de sua caracterização sócio-histórica.

Segundo Gonçalves (2004), Moçambique é um país de larga diversidade lingüística. Além do Português, língua oficial, falam-se mais de 20 línguas do grupo banto (doravante LBs). O português é falado como L2 por cerca de 40% da população e como L1 por apenas 3% da população. Apesar de a presença do povo português no país remontar ao século XV (1498), a difusão da língua só se implementou a partir de 1975, data da declaração de independência de Moçambique. O português, essencialmente uma língua urbana, é adquirido como L2 fundamentalmente por via escolar e é usado em algumas situações diárias.

Quanto ao Brasil, os africanos trazidos na condição de escravos eram provenientes, em sua grande maioria, da costa ocidental da África: a Costa da Mina (Guiné) e Luanda (Angola). Os “Mina” eram, em sua grande maioria, falantes das línguas do grupo lingüístico *kwa* (sobretudo o *ioruba* ou *nagô*) e se instalaram na Bahia. Os “Luanda”, falantes das línguas *banto* (com predomínio do *quimbundo* e do *quicongo*), tiveram como porta de entrada o Rio de Janeiro e daí foram direcionados para outras regiões.

Os delineamentos agora feitos sugerem, guardadas as devidas diferenças, uma semelhança sócio-histórica entre as variedades do PM e PB: a presença de indivíduos que têm como língua materna uma das línguas do grupo banto, por sinal, consideradas bastante homogêneas. É a partir dessa semelhança sócio-histórica, portanto, que passo a analisar o uso variável da preposição no PB e no PM.

Na primeira parte do trabalho, apresento algumas considerações sobre as línguas crioulas do ponto de vista da abordagem universal, na segunda parte apresento dados do PB do século XIX, momento em que se inicia a variação no uso da preposição "a"; na terceira parte descrevo as línguas crioulas, na quarta parte faço a análise descritiva do uso variável da preposição no PM; na quarta parte apresento dados do Português Medieval e faço algumas considerações finais.

1. Caracterizando as línguas crioulas: uma abordagem universalista

Coelho (1881, apud Muysken and Veenstra mmm), ao tratar da semelhança entre os diferentes tipos de línguas crioulas, refutou a hipótese da influência do substrato na sua formação, preferindo explicar a semelhança a partir de aspectos universais da capacidade lingüística humana. Outros estudos (Muysken & Smith 1990) contestam a falta de influência do substrato, mas reconhecem seu efeito estrutural limitado.

Muysken e Veestra assinalam a existência de dois tipos de universais: os de processamento e os de constituição. Os de processamento englobam as esferas da gramaticalização e da aprendizagem de uma segunda língua. Têm uma base psicolingüística e são interpretados como estratégias que o falante usa na situação de contato lingüístico.

Os universais constitutivos são propriedades universais e pertencem ao domínio da teoria da gramática. Há duas maneiras de explicar os universais constitutivos do crioulo: pelo processo de aquisição de uma L2 e pelo processo de aquisição de uma L1.

Os crioulos são tidos como línguas mais simples, o que quer que se entenda por simplicidade lingüística. A simplificação do crioulo decorre da simplificação inerente ao processo de aquisição de uma língua como L2. A semelhança entre os crioulos deriva, nessa perspectiva, de propriedades universais relacionadas com o processo de aquisição

lingüística. O crioulo resulta da cristalização de algum estágio na seqüência desenvolvimental devido à deficiência no acesso à língua-alvo[3].

Dentro da teoria da aquisição de L1, o crioulo é resultado da exposição da criança aos dados do pidgin. As suas capacidades inatas transformam o input (pidgin) recebido de seus pais em língua natural, o crioulo. As línguas crioulas são similares devido ao caráter universal da capacidade lingüística inata e são simples porque refletem as estruturas lingüísticas mais básicas.

Nessa visão, as línguas crioulas apresentam uma opção não-marcada em cada domínio da Gramática Universal (Bickerton 1984). Se considerarmos que entre os exemplos de traços lingüísticos que caracterizam os crioulos de maneira geral estão o uso de uma preposição locativa generalizada, freqüentemente **na**, e a presença de construções de objeto duplo, podemos hipotetizar que essas duas construções são opções não-marcadas. Elas serão objeto de reflexão no âmbito das línguas crioulas de base portuguesa, no Português Moçambicano, um exemplo de aquisição de L2, no Português Brasileiro e no Português Medieval.

2. Uso variável da preposição no Português Brasileiro

Em algumas variedades do PB, como o falar mineiro da Zona da Mata (Scher 1996) e o falar carioca (Gomes 1996, 2003), os complementos verbais dativos podem ser introduzidos pela preposição *a*, *para* ou zero:

1. entregar um livro **para**/**a**o pai
2. entregar __ o pai um livro

Nas duas variedades a supressão da preposição é favorecida quando o PP se acha adjacente ao verbo; as preposições *a* e *para* não sofrem efeito da posição do complemento. Os achados de Gomes a respeito da fala carioca[4] mostram que a variante zero está presente na fala de informantes de baixa escolaridade, ao passo que o uso da variante *a* cresce à

[3] Trata-se de uma teoria de aprendizagem imperfeita de segunda língua.
[4] Como dissemos na introdução, o Rio de Janeiro foi porta de entrada par falantes das línguas banto.

medida em que aumenta o grau de escolaridade, resultado, portanto, da intervenção da escola.

Apesar da pressão escolar no processo de preenchimento da preposição o que se observa é o avanço de *para* que vai desbancando a preposição *a*. *Para* passou a ser usada por falantes de todas as faixas etárias e tem nas faixas etárias mais baixas o maior percentual de uso, o que aponta para uma mudança em tempo real.

A variedade carioca tende, portanto, a inibir o uso da variante zero, por meio da preposição *para*. O uso da preposição *a* é cada vez menos presente e parece se especializar no contexto de verbos leves, em que o argumento tem traços semânticos abstratos.

A mudança acima delineada mostra seus primeiros sinais no fim do século XIX. Berlinck (1999) observou o aparecimento da preposição *para* em peças teatrais e Oliveira (2002) atestou pouquíssimas ocorrências dessa preposição em cartas enviadas aos jornais do século XIX: *a* (95,1%), *para* (1,4%) e *zero* (3,5%). Vejam-se alguns exemplos de variação:

3. ..o motivo da venda há de agradar **a**o comprador.
4. ...o motivo da venda não desagradará ___ o comprador.
5. pedindo**a**o Ex*celentíssi*mo governo compra de faxinais.
6. O sr Bicalho ... se limitava á escrever cartas ... pedindo votos **para** seus amos.

Oliveira observou que o uso da variante zero provoca uma reorganização dos constituintes sentenciais nas construções passivas, em que o elemento alçado para a posição de sujeito é o objeto indireto e não o direto:

7. Os senhores assinantes **serão entregues** dos seus exemplares.

Quanto ao uso da preposição *a*, a análise das cartas do século XIX apontou alta incidência de objetos diretos encabeçados por essa preposição. O objeto direto preposicionado se dá na presença de pronomes de tratamento ou de nomes com o traço [+humano].

Restringindo a análise aos casos em que o sujeito e o objeto tinham a forma de um NP, chegou-se ao seguinte resultado:

Tab. 01 Objeto direto preposicionado X traço [humano] do sujeito e do objeto

Suj [+ hum] Obj [+ hum]		Suj[- hum] Obj [+hum]		Suj [+ hum] Obj [-hum]		Total
N.	%	N.	%	N.	%	
26	58,8	17	38,6	01	2,6	44

Esses dados sugerem que, ainda que a coincidência de traço [+humano] entre sujeito e objeto favoreça a presença da preposição (58,8%), é o traço [+humano] do objeto[5] que incide na presença da preposição, pois a soma dos percentuais de objeto direto [+humano], independentemente do traço do sujeito, alcança o índice de 97,4%.

Outro contexto que apresentou os primeiros sinais de mudança no século XIX foi o de verbos de movimento, que passaram a apresentar variação entre a preposição *a* e *em* (Oliveira, op.cit.):

8. Ontem cheguei **a** esta São Paulo.
9. Chegando eu **em** Curitiba com uma boiada...

O uso da preposição *em* com verbos de movimento parece ter-se iniciado com o verbo *chegar*, um verbo que, além de ser apresentativo, indica movimento. A presença de *em* com verbos apresentativos, como *aparecer* e *comparecer*, levou a autora a propor o seguinte percurso da extensão de ´em´: estado > existencial-apresentacional > movimento.

2. Crioulos: de Cabo Verde e Kriyol

2.1 Complementos dativos de verbos ditransitivos e de verbos de movimento

Segundo Silva (1956), no crioulo de Cabo Verde a ordem dos constituintes sentenciais é invariavelmente Suj+V+OI+OD. O objeto indireto não é encabeçado por preposição. A relação entre verbo e objeto indireto se faz pela adjacência estrita desses

[5] A única ocorrência de preposição com OD [-animado] tem a ordem VOS: ...
...*prega ao evangelho o Padre José Herculano* (RJ1869).

elementos. A construção com objeto duplo é atestada no crioulo caboverdiano (10) e no Kryiol (11-12) (Kihm...):

10. Juau da __ kabole água (João deu ao cavalo água)
11. Mininu manda __ si mame um karta (O menino manda sua mãe uma carta)
12. Si bu bay fera konpra __ bo tiya sinku kilu di arus. (Se você for à feira, compra sua tia cinco kilos de arroz)

A ordem é rígida: meta + objeto afetado. Em (10-11) o objeto é meta; em (12) é beneficiário. Para Kihm, a generalização pode ter sido motivada pela presença de DOC em algumas línguas de substrato, Manjaku (13), Balanta (14), ainda que outras línguas, como Diola-Fogny e Mandinka, não apresentem essa construção:

13. A piban natson banyan. (Ele apresentou anfitrião as pessoas)
14. U das afula maa fmangaa. (Você corta menina uma roupa)

No Kryol a preposição portuguesa *para*, realizada *pa*, pode ocorrer em outras construções que envolvem a direcionalidade relacional:

15. N fasi I pa bo. (eu fiz isso para você).

Na frase acima, o argumento tem papel beneficiário.

Contrariamente ao objeto indireto, o complemento dos verbos de movimento no Crioulo de Cabo Verde é introduzido por preposição. Há uma alternância entre a preposição *em* e a preposição *para*, que se resolve em termos do traço [+ permanente] marcado na preposição *para* e ausente na preposição *em*. A preposição *a*, segundo Silva (op.cit.) não é atestada nesse contexto.

16. M tâ bá **na** káza (Vou à casa)
17. Êl bá **pâ** káza (Ele foi para casa)

O Kryol exibe duas variantes, zero e **pa**, respectivamente: (Kihm, op.cit.)

18. Si bu bay __ fera konpra bo tiya sinku kilu di arus. (Se você for à feira, compra sua tia cinco kilos de arroz)
19. Si bu ka misti bay __ sinema ku mi, enton bay bu kaminyu. (Se você não quer ir cinema comigo, então vai seu caminho!)
20. Mininus na bay **pa** skola. (As crianças estão a caminho da escola)
21. Leba arus **pa** kasa. (Leva arroz para casa).

O autor salienta que **pa** herda o significado de percurso e de agente da passiva da preposição portuguesa *por*:

22. N pasa **pa** Bisaw. (eu passei por Bissau)
23. I yentra **pa** janela. (ele/a entrou pela janela)
24. Kil asasinus yera ba komendadu **pa** um branku. (Aqueles assassinos foram comandados por um branco)

Quanto à preposição **na**, ela é locativa por excelência codificando as relações espaciais: BE-INSIDE (i sta na kwartu = ele/a está no quarto); BE-ON-THE-SURFACE (i sta na mesa = ele está na mesa), BE-AT-A-LOCATION (i sta na fera = ele/a está na feira). Entretanto, pode ser marginalmente usada para codificar o papel meta ou beneficiário[6]:

25. E enterga n **na** pulisya. (eles entregaram-me à polícia).

Os dois crioulos analisados optam pela forma não-marcada no contexto de objeto indireto. Quanto ao contexto de verbo de movimento, surgem construções marcadas. O

[6] **Na** também é marca do aspecto progressivo. Ex.: *N **na**bibi binyu* (Eu estou bebendo binho). Com alguns verbos, pode expressar apenas o futuro: *n **na** sedu* (eu serei), *n **na** sibi* (eu saberei), *n **na** misti* (eu quererei).

elemento **na** parece ser resultado de fusão do substrato com a língua lexificadora (preposição *em* + artigo definido *a*); o elemento **pa** é da língua lexificadora (*para*)[7].

3. O Português Moçambicano: aquisição de L2

3.1. Complementos dativos de verbos ditransitivos

Os estudos realizados por Gonçalves (1996, 2002, 2004) assinalam que no processo de aprendizagem do português, os falantes moçambicanos apagam a preposição em complementos verbais ditransitivos. Segundo Gonçalves, o apagamento da preposição se dá com argumentos que exibem tipicamente o traço [+humano]. Uma conseqüência imediata do apagamento da preposição é o alçamento do objeto indireto para a posição de sujeito nas sentenças passivas, como vimos no PB do séc. XIX:

26. Demonstrou __ as outras mulheres o papel do destacamento feminino.
27. **Os jovens** são dados responsabilidades de família.

Segundo a autora, o apagamento da preposição e a apassivação do objeto indireto resultam do contato com as LBs. Propõe que o conhecimento da L1 (LBs) direciona a aquisição da L2. Duas características das LBs parecem orientar o processo de aprendizagem do português como L2:

a) nas LBs a preposição "el" é incorporada no verbo, portanto, não é a preposição que dá Caso ao NP, mas o complexo verbal, que passa a dar Caso aos dois argumentos do verbo: [yul+el] NP NP.
b) nas LBs há uma classe nominal de traço [+humano].

A supressão da preposição no PM é resultado da fixação do parâmetro da L1 estendido para L2, assumindo-se assim que o verbo dá Caso aos dois argumentos.

[7] Se é verdade que o elemento **pa** não encontra correspondente nos substratos, a sua origem deve ser buscada no português. Fica aberta a questão: quais os traços dessa preposição que a tornaram tão saliente a ponto de ter sido adotada pelo crioulo? Talvez aspectos cognitivos possam elucidar essa adoção.

No português, o traço [+humano] está presente no clítico dativo *lhe* e está presente na função de objeto indireto, normalmente precedido da preposição *a*. Com base na percepção desses dados extraídos do input lingüístico da língua-alvo (Português Europeu) a que estão submetidos e com base na classe nominal de traço [+humano] de sua língua, os moçambicanos generalizam a regra: os nominais de traço [+humano] são precedidos da preposição *a* e são retomados pelo pronome *lhe*. Essa generalização explica a extensão do uso da preposição *a* e de *lhe* para a função sintática de objeto direto, um efeito verificado no PB:

28. Eles elogiam **a** uma pessoa.
29. Elogiaram-**lhe** muito.

O clítico *lhe* não é interpretado como evidência morfológica do Caso dativo, mas como a cliticização de um argumento [+humano].

Neste trabalho, analisamos 19 ocorrências de complementos dativos preposicionados do PM com o objetivo de investigar: i. os tipos de preposições que encabeçam o objeto indireto; ii. em que fase da aprendizagem aparece a preposição *a*; iii. se é possível determinar um quadro final para o PM. Os resultados acham-se reproduzidos na tabela abaixo:

Tab. 02 Tipo de preposição X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)[8]	Total
Zero	07	__	__	__	07
A	__	__	06	02	08
PARA	__	01	__	01	02

Observa-se que na fase I reina a variante zero, indício de que aqui se tem a construção não-marcada, que coincidente com a L1. Nas demais fases observa-se o preenchimento da preposição. O uso da preposição *para* precede o da preposição *a*, mas permanece com baixo índice de freqüência ao longo do processo. A emergência da preposição *a* se dá apenas na fase III e vem associada ao traço [+humano], como se

[8] Excluímos da análise o seguinte dado: Explicamos tudo _ aquela senhora (Homem). É possível que aí tenha ocorrido um caso de realização da crase entre a preposição *a* e o artigo feminino *a*.

depreende da tabela 03 em que se atesta o uso concomitante de Odpreposicionado e de *lhe*, dois elementos marcados com o traço [+humano]:

Tab 03 OD preposicionado e uso do clítico dativo X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)	Total
ODprep	__	03	03	02	08
Uso de *lhe*	__	01	01	02	04

Em variação com o clítico *lhe* aparece o pronome *ele* precedido da preposição *a* seja na função de objeto direto seja na função de objeto indireto; a preposição *para* aparece precedendo o pronome tônico na função de objeto indireto:

30. disseram para eu seguir **a** eles (Homem)
31. se falei **a** ele ou se fiz este tipo de pergunta... (Amaral)
32. quando puseram comida **para** ele antão guardava um bocadinho (Lina)

É possível estabelecer três fases no processo de aquisição do PE como L2 por falantes de LBs. No primeiro deles, o valor paramétrico da L1 (LBs) parece determinar a fixação do parâmetro da Língua-alvo, pois se caracteriza pela forma não-marcada. Corresponde ao período da variante zero, pois toma-se o verbo como uma unidade complexa que dá Caso aos dois argumentos. Esse primeiro momento assemelha-se ao quadro apresentado para os crioulos.

Em um segundo momento, que corresponde a um período de gramáticas intermediárias (Gonçalves 2004), com base na classe nominal [+humano], o falante identifica a preposição *a* como marcadora desse traço. Essa preposição acompanhará qualquer sintagma nominal de traço [+humano], independentemente da função sintática de objeto direto ou indireto. Um terceiro momento corresponde a um período de gramáticas em competição, em que *para* e *a* podem encabeçar o objeto indireto.

3.2 Complementos de verbos de movimento

A análise do uso variável da preposição do PM em contexto de verbos de movimento, realizada por Rocha (2005), levou à proposição de dois momentos no processo de aprendizagem das preposições. Observe-se a tabela a seguir:

Tab 04 Verbos de movimento X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)	Total
EM	03	07	__	02	12
A	__	02	07 [+p]	__	09
PARA	02	04	18 [-p]	08	32

Na fase I, não se verificou nenhuma ocorrência da preposição *a* e já se tem o uso de *em* e *para*, o que a aproxima do Crioulo Caboverdiano. *Em* é usado desde a primeira fase com verbos de movimento e se mantém, exceção feita para o informante Amaral, nas demais fases, competindo com a preposição *a*, inclusive no mesmo turno:

33. Queria ir **à** escola... é preciso ir **na** escola ... não ir **na** escola... até quando não ir **na** escola (Lina)

Os dois casos de "para" na fala de Albertina aparecem no contexto de delimitação "de...para", o que indicia a idéia de permanência de *para*, de modo semelhante ao que ocorre no Crioulo de Cabo Verde:

34. Sai em Chiquelene **para** Laulane (Albertina)

Na fase III (Amaral), as preposições *para* e *a*, que tem aumento de freqüência considerável, estão em distribuição complementar: a primeira preposição é usada marcada [+permanência] e a segunda [- permanência].

Segundo Gonçalves, o uso de **em** se deve ao fato de que em algumas LBs o locativo direcional e o locativo situacional se assemelham. É o caso da língua Tonga, em que –**ni** pode ser um locativo situacional ou um sufixo direcional: (Ngunga 2004: 139-140)

35. Libuku lomo aba badera**ni** (o livro está na cadeira)
36. Athu anodowa omunda**ni** (as pessoas vão à machamba)

A semelhança fonológica entre o afixo *–ni* das LBs e a preposição *em* (e suas formas articuladas) pode ter favorecido a escolha de *em* ao invés da preposição *a*[9].

Esses dados sugerem que no processo de aprendizagem do português, os falantes de LBs podem recuperar o locativo *–ni* e associá-lo à preposição *em*. Em um primeiro momento, a preposição é interpretada como marcador de localização e, segundo Gonçalves & Chimbutane (2004), aparece presa no nome de traço [+locativo]: V[em-NP]. Esta fase pode ser observada nos dados da informante Albertina, que representa o primeiro estágio no processo de aprendizagem do português:

37. levar mandoim levar **para no** mandjacaze (Albertina)

A presença de duas preposições sugere que *em* é primeiramente adquirido como um afixo situacional e que *para* é processado como preposição locativo-direcional. Em um segundo momento, o elemento *em* passa a ser interpretado como preposição e passa, portanto, a ser usado com verbos de movimento, i.e. *em* passa a ser subcategorizado pelo verbo, independentemente do fato de este ser estativo ou de movimento: V PP.

Os resultados obtidos para a primeira fase de aquisição aproximam-se da descrição feita para o Kryiol; os dados da segunda fase aproximam o Português Moçambicano ao Caboverdiano. Lembramos que o Caboverdiano se separa dos demais crioulos pelo maior contato com o português[10].

4. Português Moçambicano e Português Brasileiro: crioulos?

Baxter & Lucchesi (1997) propõem pensar o PB como um caso de crioulização leve ou semicrioulização, resultado da transmissão lingüística irregular, entendida como simplificação/eliminação de estruturas gramaticais decorrente, por sua vez, de algum tipo de "deficiência' no acesso à língua alvo. No processo de transmissão da língua às novas

[9] Lembramos aqui o uso da preposição **ni** no PB: *Pensei ni você*.
[10] Silva (1990), ao estudar o aspecto no caboverdiano, mostra que esse crioulo exibe processo de gramaticalização de *dja*, ausente nos demais crioulos, graças ao modelo do português.

gerações, as formas não marcadas aumentam em freqüência e "ganham" generalização paradigmática.

A noção de transmissão lingüística irregular, como definida acima, parece se encaixar na perspectiva da aquisição da linguagem do ponto de vista instrucional, como é o caso do manhês e do baby talk (Snow e Fergusson 1977). O ponto de vista adotado neste trabalho é o da aquisição da linguagem do ponto de vista seletivo. O que os dados analisados nesse trabalho revelam é que tanto as línguas crioulas de base portuguesa quanto o Português Moçambicano partem da opção pelas formas não-marcadas. Esses dados estão em consonância com a hipótese de Smith (1981) segundo o qual a aquisição (o autor trata de aquisição de L1) começa com formas não-marcadas e evolui para as formas marcadas.

As línguas crioulas cristalizam as formas não-marcadas; no processo de aquisição do português como L2, os moçambicanos passam a produzir formas marcadas que caracterizam a língua-alvo. Isso, entretanto, não quer dizer que o Português Moçambicano e o Português Brasileiro tenham se originado de língua crioula. O que se observou foi que a presença de uma fase em que houve a adoção da forma não-marcada, que posteriormente foi alterada para a forma marcada.

Fica a questão: o português continental admite a forma não marcada? A resposta para essa pergunta está no Português Medieval. Observem-se as sentenças abaixo, extraídas de *Inquirições*[11]:

38. Primeyramente dam __ el Rey quarta de pam e de vinho e de linho. (20r, 13)
39. E quando debulhar o milho __ o moordomo danlhi huma teeyga de milho ou uida qual ante quiser. (1r, 27-28)

A primeira sentença é exemplo de construção com objeto duplo e a segunda é exemplo de deslocamento à esquerda em que o objeto indireto não é precedido de preposição. Esses exemplos sugerem que o Português Medieval também tinha, entre as duas opções possíveis, a construção não-marcada.

Referências Bibliográficas:

[11] O texto é de 1284, mas a cópia que nos restou é de 1301.

BAXTER, Alan & LUCCHESI, Dante (1997) A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. Estudos Lingüísticos e Literários, n.19, pp. 65-83.

BERLINCK, Rosane A. (1999) O objeto indireto no Português Brasileiro do século XIX. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional da Abralin – Florianópolis.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso (1972) Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. In *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, pp.71-87.

_____ (1985) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CASTILHO, Célia M. Moraes (2005) O processo de redobramento sintático no Português Medieval. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.

COELHO, Franscico Adolpho (1880-1886) Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In J. Morais Barbosa (org.) *Estudos Lingüísticos Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.

FERREIRA, Permínio (1998) Inquirições de D. Dinis: Índices e vinte e sete primeiros fólios. Edição crítica de um texto medieval notarial português. Diss. de mestrado, Universidade Federal da Bahia.

GALVEZ, Charlotte (1987) A sintaxe do português brasileiro. Ensaios de lingüística, 13: 31-50.

GOMES, Christina A.(1996) *Aquisição e perda da preposição no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ.

_____ (1997) Processos variáveis e aquisição de preposição. In: Claudia Roncarati & M. Cecília Mollica (orgs.) *Variação e Aquisição*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp.103-116.

_____ (2003) Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: M. da Conceição Paiva & M. Eugênia Lamoglia Duarte (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, pp.81-96.

GONÇALVES, Perpétua (1996) Português de Moçambique: uma variedade em formação. Maputo: Imprensa Universitária.

_____ & CHIMBUTANE, Feliciano (2004) O papel das Línguas Bantu na gênese do Português de Moçambique: o comportamento sintáctico de constituintes locativos e direccionais. In Papia, n.14, pp.7-30.

_____ (2005) Towards a unified vision. Journal of Pidgin and Creole Languages, pp.225-260.

_____ (2004) The role of ambiguity in second language change: the case of Mozambican African Portuguese. Second Language Research, 18: 225-347.

GUY, Gregory (1981) *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonoly, Syntax and Language History*. PhD dissertation, University of Penssylvania.

HOLM, John (1987) Creole influence on Vernácula Brazilian Portuguese. In Gilbert Glenn (ed.) *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of Hawai Press, 406-429.

KATO, Mary (1996) Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: I.Duarte e I.Leiria (eds) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol II: 211-237.

KIHM, Alain (1994) *Kriyol syntax*. The Portuguese-Based Creole Language of guinea-Bissau. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

LUCCHESI, Dante (2002) Grandes territórios desconhecidos. Lingüística, vol.14: 191-222.

MELO, Gladstone (1981) *A lingual do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.

MENDONÇA, Renato (1933) *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer.

MUYSKEN, Pieter & VEENSTRA, Tonjes (1994) Universalist approach. In Pieter Muysken & Tonjes Veenstra (eds.) *Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

NARO, Anthony & SCHERRE, Martha (1993) Sobre as origins do português popular do Brasil. DELTA, 9, no. Especial, 437-454.

_____ (1999) Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In John MCWHORTER (ed.) *Current issues in pidgin and criole linguistics*. Amsterdam: Benjamins.

NGUNGA, Armindo (2004) *Introdução à Lingüística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.

OLIVEIRA, Marilza (2001) Mudanças fonológicas explicam o enfraquecimento da morfologia verbal no PB? Boletim da Abralin, v.26, no. Especial, pp.455-457.

_____ (2002) Complementos verbais introduzidos pela preposição "a". V Seminário do PHPB, Ouro Preto, mimeo.

_____ (2005) Uso de preposições no português como L2: complementos verbais dativos. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralin, Brasília 2005.

PEREIRA, Dulce (2000) Línguas em contato. In Isabel Hub Faria et alii (orgs) *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

_____ (2003) Pa nu skrebe na skola. www.esse-jdeus.edu.pt

RAIMUNDO, Jacques (1933) *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.

ROBERTS, Ian (2002) Creoles, markedness and the Language Bioprogram Hypothesis. Lingüística, vol.14: 11-24.

ROCHA, Ana Paula (2005) Uso de preposições no português como L2: verbos de movimento. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralin, Brasília 2005.

SCHER, A.P. (1996) As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo, dissertação de Mestrado, Unicamp.

SILVA, Baltasar Lopes da (1956) *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda.

SILVA, Izione (1990) Tense and Aspect in Capeverdean Crioulo. In John Victor Singler (ed.) *Pidgin and Creole Tense-Mood-Aspect Systems*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 143-168.

SILVA NETO, Serafim (1986) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.

SMITH, N. (1981) Consistency, markedness and language change: on the notion of consistent language. Journal of Linguistics, 17: 1-78.

SNOW, C.E. & FERGUSON, C.ª (1977) *Talking to Children*. Cambridge: Cambridge Un. Press.

TARALLO, Fernando (1993a) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp.35-68.

_____ (1993b) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d´aquém e d´além-mar ao final do século XIX. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp.69-106.

3. entregar um livro **para**/**a**o pai
4. entregar __ o pai um livro
7. ..o motivo da venda há de agradar **a**o comprador.
8. ...o motivo da venda não desagradará ___ o comprador.
9. pedindo**a**o Ex*celentíssimo* governo compra de faxinais.
10. O sr Bicalho ... se limitava á escrever cartas ... pedindo votos **para** seus amos.
8. Os senhores assinantes **serão entregues** dos seus exemplares.

Tab. 01 Objeto direto preposicionado X traço [humano] do sujeito e do objeto

Suj [+ hum] Obj [+ hum]		Suj[- hum] Obj [+hum]		Suj [+ hum] Obj [-hum]		Total
N.	%	N.	%	N.	%	
26	58,8	17	38,6	01	2,6	44

10. Ontem cheguei **a** esta São Paulo.
11. Chegando eu **em** Curitiba com uma boiada...

11. Juau da __ kabole água (João deu ao cavalo água)
40. Mininu manda __ si mame um karta (O menino manda sua mãe uma carta)
41. Si bu bay fera konpra __ bo tiya sinku kilu di arus. (Se você for à feira, compra sua tia cinco kilos de arroz)

42. A piban natson banyan. (Ele apresentou anfitrião as pessoas)
43. U das afula maa fmangaa. (Você corta menina uma roupa)

44. N fasi I <u>pa</u> bo. (eu fiz isso para você).
45. M tâ bá **na** káza (Vou à casa)
46. Êl bá **pâ** káza (Ele foi para casa)
47. Si bu bay __ fera konpra bo tiya sinku kilu di arus. (Se você for à feira, compra sua tia cinco kilos de arroz)
48. Si bu ka misti bay __ sinema ku mi, enton bay bu kaminyu. (Se você não quer ir cinema comigo, então vai seu caminho!)
49. Mininus na bay **pa** skola. (As crianças estão a caminho da escola)
50. Leba arus **pa** kasa. (Leva arroz para casa).
51. N pasa **pa** Bisaw. (eu passei por Bissau)
52. I yentra **pa** janela. (ele/a entrou pela janela)
53. Kil asasinus yera ba komendadu **pa** um branku. (Aqueles assassinos foram comandados por um branco)
54. E enterga n **na** pulisya. (eles entregaram-me à polícia).

55. Demonstrou __ as outras mulheres o papel do destacamento feminino.
56. **Os jovens** são dados responsabilidades de família.

c) nas LBs a preposição “el” é incorporada no verbo, portanto, não é a preposição que dá Caso ao NP, mas o complexo verbal, que passa a dar Caso aos dois argumentos do verbo: [yul+el] NP NP.
d) nas LBs há uma classe nominal de traço [+humano].

57. Eles elogiam **a** uma pessoa.
58. Elogiaram-**lhe** muito.

Tab. 02 Tipo de preposição X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)[12]	Total
Zero	07	__	__	__	07
A	__	__	06	02	08
PARA	__	01	__	01	02

Tab 03 OD preposicionado e uso do clítico dativo X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)	Total
ODprep	__	03	03	02	08
Uso de *lhe*	__	01	01	02	04

59. disseram para eu seguir **a** eles (Homem)
60. se falei **a** ele ou se fiz este tipo de pergunta... (Amaral)
61. quando puseram comida **para** ele antão guardava um bocadinho (Lina)

Tab 04 Verbos de movimento X informantes

	Albertina (I)	Lina (II)	Amaral (III)	Homem (III)	Total
EM	03	07	__	02	12
A	__	02	07 [+p]	__	09
PARA	02	04	18 [-p]	08	32

62. Queria ir **à** escola... é preciso ir **na** escola ... não ir **na** escola... até quando não ir **na** escola (Lina)
63. Sai em Chiquelene **para** Laulane (Albertina)

64. Libuku lomo aba badera**ni** (o livro está na cadeira)
65. Athu anodowa omunda**ni** (as pessoas vão à machamba)

66. levar mandoim levar **para no** mandjacaze (Albertina)

67. Primeyramente dam __ el Rey quarta de pam e de vinho e de linho. (20r, 13)
68. E quando debulhar o milho __ o moordomo danlhi huma teeyga de milho ou uida qual ante quiser. (1r, 27-28)

Referências Bibliográficas:

BAXTER, Alan & LUCCHESI, Dante (1997) A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. Estudos Lingüísticos e Literários, n.19, pp. 65-83.

BERLINCK, Rosane A. (1999) O objeto indireto no Português Brasileiro do século XIX. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional da Abralin – Florianópolis.

COELHO, Franscico Adolpho (1880-1886) Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In J. Morais Barbosa (org.) *Estudos Lingüísticos Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1967.

FERREIRA, Permínio (1998) Inquirições de D. Dinis: Índices e vinte e sete primeiros fólios. Edição crítica de um texto medieval notarial português. Diss. de mestrado, Universidade Federal da Bahia.

[12] Excluímos da análise o seguinte dado: Explicamos tudo _ aquela senhora (Homem). É possível que aí tenha ocorrido um caso de realização da crase entre a preposição *a* e o artigo feminino *a*.

GALVEZ, Charlotte (1987) A sintaxe do português brasileiro. Ensaios de lingüística, 13: 31-50.
GOMES, Christina A.(1996) *Aquisição e perda da preposição no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ.
_____ (1997) Processos variáveis e aquisição de preposição. In: Claudia Roncarati & M. Cecília Mollica (orgs.) *Variação e Aquisição*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp.103-116.
_____ (2003) Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: M. da Conceição Paiva & M. Eugênia Lamoglia Duarte (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj, pp.81-96.
GONÇALVES, Perpétua (1996) Português de Moçambique: uma variedade em formação. Maputo: Imprensa Universitária.
_____ & CHIMBUTANE, Feliciano (2004) O papel das Línguas Bantu na gênese do Português de Moçambique: o comportamento sintáctico de constituintes locativos e direccionais. In Papia, n.14, pp.7-30.
_____ (2005) Towards a unified vision. Journal of Pidgin and Creole Languages, pp.225-260.
_____ (2004) The role of ambiguity in second language change: the case of Mozambican African Portuguese. Second Language Research, 18: 225-347.
GUY, Gregory (1981) *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonoly, Syntax and Language History*. PhD dissertation, University of Penssylvania.
HOLM, John (1987) Creole influence on Vernácula Brazilian Portuguese. In Gilbert Glenn (ed.) *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of Hawai Press, 406-429.
KATO, Mary (1996) Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: I.Duarte e I.Leiria (eds) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol II: 211-237.
KIHM, Alain (1994) *Kriyol syntax*. The Portuguese-Based Creole Language of guinea-Bissau. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
LUCCHESI, Dante (2002) Grandes territórios desconhecidos. Lingüística, vol.14: 191-222.
MUYSKEN, Pieter & VEENSTRA, Tonjes (1994) Universalist approach. In Pieter Muysken & Tonjes Veenstra (eds.) *Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
NARO, Anthony & SCHERRE, Martha (1993) Sobre as origins do português popular do Brasil. DELTA, 9, no. Especial, 437-454.
_____ (1999) Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In John MCWHORTER (ed.) *Current issues in pidgin and criole linguistics*. Amsterdam: Benjamins.
NGUNGA, Armindo (2004) *Introdução à Lingüística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
OLIVEIRA, Marilza (2001) Mudanças fonológicas explicam o enfraquecimento da morfologia verbal no PB? Boletim da Abralin, v.26, no. Especial, pp.455-457.
_____ (2002) Complementos verbais introduzidos pela preposição “a”. V Seminário do PHPB, Ouro Preto, mimeo.
_____ (2005) Uso de preposições no português como L2: complementos verbais dativos. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralin, Brasília 2005.
ROCHA, Ana Paula (2005) Uso de preposições no português como L2: verbos de movimento. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralin, Brasília 2005.
SCHER, A.P. (1996) As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo, dissertação de Mestrado, Unicamp.
SILVA, Baltasar Lopes da (1956) *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda.
SILVA, Izione (1990) Tense and Aspect in Capeverdean Crioulo. In John Victor Singler (ed.) *Pidgin and Creole Tense-Mood-Aspect Systems*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 143-168.
SILVA NETO, Serafim (1986) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.
SMITH, N. (1981) Consistency, markedness and language change: on the notion of consistent language. Journal of Linguistics, 17: 1-78.
SNOW, C.E. & FERGUSON, C.ª (1977) *Talking to Children*. Cambridge: Cambridge Un. Press.
TARALLO, Fernando (1993a) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp.35-68.

_____ (1993b) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d´aquém e d´além-mar ao final do século XIX. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, pp.69-106.